RICHMAN, J., Reporting Diagnostic Test Results to Parents and Their Families. *Journal of Projective Techniques and Personality Assessment*, 1967, 31; p. 62-70.

Trata-se de trabalho muito oportuno, devido à escassez de estudos sôbre o assunto. Sua finalidade é descrever um método de comunicar resultados de testes de inteligência e de personalidade (profundos) a pacientes, em geral, e em particular àqueles com graves desajustamentos, sendo o trabalho ilustrado com um caso.

O autor chama também a atenção para o fato de ser escassa a literatura sôbre o assunto e para o de existirem psicólogos que relutam em discutir os resultados de testes com seus clientes. Ainda outros advertem que o cliente deve ter um ego suficientemente amadurecido e contrôles adequados para suportar as ansiedades que podem ser despertadas com a comunicação. Um caso é citado, no qual os resultados dos testes, comunicados por um estagiário à família do paciente, tiveram efeitos bastantes prejudiciais.

Contudo, generalizações não podem ser feitas, sendo Richman de opinião que a comunicação hábil dos resultados ao cliente é muitas vêzes benéfica, especialmente para o muito desajustado, desde que feita por um psicólogo com suficiente formação em medidas psicológicas e psicoterapia. As experiências do autor, para chegar às conclusões acima, foram baseadas em comunicações a cinqüenta pacientes, variando de neuróticos a esquizofrênicos, com idades de 6 a 48 anos. Os testes mais utilizados pelo autor foram o WISC, WAIS e o Rorschach.

Numa relação terapêutica, pode ser suficiente mencionar ao cliente os resultados de seus testes, desde que isso seja feito em época adequada; mas, numa única sessão de aconselhamento, será melhor mostrar os resultados do que mencioná-los. Mostrar tem aqui o sentido de compartilhar.

A fase inicial do aconselhamento consiste em educar o cliente, de maneira rápida, em ver-se a si próprio, suas habilidades cognitivas e os pontos positivos e negativos de sua personalidade. Nesse sentido, é explicado como são derivados os escores do teste de inteligência e seus significados, o mesmo sendo feito com o Rorschach. Após essa "introdução didática", para utilizar as próprias palavras do autor, todos os escores de cada subteste do WAIS ou WISC são anotados numa fôlha de papel, ao mesmo tempo, que explicações são feitas sôbre a configu-

ração intelectual que começa a aparecer: dever-se-á dar relêvo aos aspectos positivos, sem subestimar os negativos. É muito importante mencionar que o autor procura não utilizar linguagem técnica ou psiquiátrica, sendo que o Q.I. total não é mencionado, pois a análise da configuração dos resultados dos subtestes, por si só, oferecerá dados mais ricos que a simples menção de um Q.I.

No que se refere aos resultados do Rorschach, o psicograma é mostrado ao cliente com a explicação de que os escores da esquerda refletem o mundo interior, os da direita, reações a estímulos externos e emoções e os do centro, a realidade. São mencionadas indicações de aspirações maduras e imaturas, presença de características originais, presença e extensão de ansiedade, depressão, impulsividade, etc. Após a explicação dos escores formais, é comunicado que o que é visto pelos pacientes, é elemento também importante, sendo, contudo, menos importante que o psicograma. Tais elementos devem ser interpretados da mesma forma que um sonho por um psicanalista; sendo, então, focalizados os principais temas do protocolo do teste. Finalmente, é feito um sumário sôbre as principais áreas de conflito, bem como dos sentimentos sôbre si próprio e dos outros.

O autor frisa que cada entrevista de aconselhamento deve ser feita sob medida para cada paciente, existindo, por conseguinte, variações de caso para caso. Além disso, cada sessão de aconselhamento conterá também muita informação sôbre testes e a natureza da personalidade e da inteligência.

O trabalho é ilustrado com transcrições de uma entrevista onde são comunicados os resultados do WAIS e do Rorschach. O autor chama a atenção para as seguintes técnicas auxiliares: quando os resultados forem discutidos com a família, será importante que os pais estejam presentes, sendo também desejável a presença do próprio paciente; devido à riqueza do material discutido numa sessão de aconselhamento, torna-se essencial que seja êle apresentado uma segunda vez ao cliente. Um meio prático para isso será gravar-se a sessão, a ser ouvida, posteriormente, pelo cliente e sua família.

Pode-se inferir, diz Richman, que os testes psicológicos com finalidade diagnóstica têm por si mesmos efeitos terapêuticos. O potencial dessa técnica está ainda por ser eficientemente explorado ou utilizado, parecendo certo que os pacientes e suas famílias podem tolerar muito mais informações do que comumente se supõe.

HENRIQUE A. BAEZ SAMPAIO